

Cabo Verde e Brasil: relatos de experiências de pesquisa

Cape Verde and Brazil: reports of research experiences

*Danyelen Pereira Lima**

*Débora Mazza***

*Nima Imaculada Spigolon****

*Beatriz Rodrigues Torres*****

RESUMO

O trabalho objetiva relatar processos de mobilidade acadêmica ocorridas no período de 2013/2015 quando estudantes, docentes e pesquisadores de graduação e de pós-graduação da Universidade Estadual de Campinas e da Universidade Jean Piaget realizaram missões de estudos e pesquisas nos quadros do Acordo CAPES/AULP. Vários autores apontam que a globalização das dinâmicas econômicas e financeiras, a mundialização da produção, circulação e consumo de bens materiais e imateriais, bem como, as inovações tecnológicas, da informática, da comunicação e dos transportes têm incrementado a circulação de pessoas e a possibilidade de compreensão de outras realidades sob a perspectiva da análise comparada. Nos limites deste artigo, apresentamos os relatos de uma pesquisa de tipo etnográfico realizada em Cabo Verde, a partir do trabalho com fontes documentais e não documentais, da observação e descrição direta de tempos e espaços de educação escolar e não escolar tendo como foco as manifestações infantis da cultura cabo-verdeana. Os resultados apontam que a mobilidade acadêmica aguça os processos de formação e aprofunda as estruturas de emancipação humana ancorada na racionalidade estético-expressiva das artes e da literatura, na racionalidade instrumental-cognitiva da ciência e da tecnologia e na racionalidade moral-prática da ética e do direito.

Palavras-chave: Educação. Escolarização. Infância. Cabo Verde. CAPES-AULP.

ABSTRACT

The study reports academic mobility processes occurring in the 2013/2015 period when students, teachers and graduate researchers of the State University of Campinas and the University Jean Piaget conducted missions of studies and research in the terms of CAPES/AULP agreement. Several authors point out that the globalization of economic and financial dynamics, the globalization of production, circulation and consumption of tangible and intangible assets, as well as technological innovation, information technology, communication and transport, all of those things have increased the movement of persons and the possibility of understanding other realities from the perspective of the comparative analysis. Within the limits of this article, we present the reports of ethnographic research carried out in Cape Verde, from working with documental and non-documental sources, observation and direct description of times and spaces of school and non-school education, focusing on child manifestations of the Cape Verdean culture. The results show that academic mobility sharpens the formation processes and deepens the human emancipation structures anchored in the aesthetic-expressive rationality of the arts and literature, cognitive-instrumental rationality of science and technology and the moral-practical rationality of ethics and the law.

Keywords: Education. Schooling. Childhood. Cape Verde. CAPES-AULP.

* Graduada em Pedagogia (Unicamp-2015). Realizou um intercâmbio acadêmico de duração de seis meses na Universidade de Lisboa em 2014. Participou do programa CAPES/AULP, realizando uma pesquisa em Cabo Verde em maio de 2015. Atualmente trabalha como monitora no Instituto Jacarandá e realiza uma especialização em Sociologia da Infância pela UFSCar. E-mail: danyelen-lima@hotmail.com

** Diretora Associada da FE-Unicamp e docente do Departamento de Ciências Sociais na Educação. Participa do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Linha Educação e Ciências Sociais e do Grupo de Estudos e Pesquisas em Políticas Públicas e Educacionais (GPPE). Tem experiência na área de Sociologia e Educação, atuando principalmente nos temas: Educação e Escolarização, Pensamento social brasileiro, Florestan Fernandes, Circulação de pessoas, saberes e práticas e Políticas Públicas e Educação. E-mail: dmazza@unicamp.br

*** Doutora em Educação, área de concentração Ciências Sociais na Educação pela Unicamp (2014), onde atua como docente é credenciada na Pós-Graduação. Mestrado em Educação, área de concentração Políticas, Administração e Sistemas Educacionais, pela mesma Universidade (2009). Graduação em Pedagogia (2005) e Bacharelado em Administração (1992). Coordenadora do GEPEJA (Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação de Jovens e Adultos) e integrante do GPPE (Grupo de Estudos e Pesquisas em Políticas Públicas e Educação), ambos da FE-UNICAMP. E-mail: professoranima@gmail.com

**** Graduada em Pedagogia (Unicamp-2015), tem experiências em educação fundamental e participa de grupos e projetos ligados ao teatro. Em 2015 participou do programa CAPES/AULP, realizando uma pesquisa em Cabo Verde. Atualmente reside nos Estados Unidos.

As crianças são as flores da revolução

Amílcar Cabral

Esclarecimentos iniciais

A

Universidade Estadual de Campinas/SP (Unicamp) no Brasil e a Universidade Jean Piaget (UNUPIAGET) em Cabo Verde localizada na Cidade da Praia, mediante Edital Capes nº 33/2012 firmaram um acordo que se insere no Programa Internacional de Apoio à Pesquisa e ao Ensino por meio da Mobilidade Docente e Discente Internacional e a cooperação entre os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP).

O recorte aqui é relativo aos dois primeiros anos de trabalho (01 de Junho de 2013 a 31 de Maio de 2015), cuja coordenação e gestão no Brasil envolveu o Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), o Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência (CLE) e a Faculdade de Educação (FE), todos da Unicamp. O acordo foi renovado e perdura até dezembro de 2017.

O foco do Acordo consiste em aproximações entre Brasil e Cabo Verde, por meio da mobilidade de estudantes, docentes e pesquisadores, de graduação e pós-graduação, que cruzam o Atlântico em missões de estudo e pesquisa, em idas e vindas que embaçam as fronteiras geográficas, políticos e culturais e possibilitam diálogos e experiências de formação profissional e humana (MAZZA, SPIGOLON & OLIVEIRA, 2015).

Autores sugerem que a mobilidade territorial proporciona o conhecimento de realidades socioculturais distintas, a observação de dinâmicas econômicas diversas, o acompanhamento de processos educativos e a formação de recursos humanos de formas variadas, assim como, a construção de redes de estudantes, docentes e pesquisadores no eixo Brasil - Cabo Verde, América- África (ANASTÁCIO & MAZZA, 2015).

Dentre os estudantes brasileiros que foram para Cabo Verde, duas eram do curso de graduação em Pedagogia da Unicamp e sob a coordenação da professora Débora Mazza¹ realizaram pesquisa em ambientes de educação escolar e não escolar, em espaços públicos e privados, na cidade da Praia e na Cidade Velha, ambas na Ilha de Santiago, além de visitarem as Ilhas de Santo Antão e São Vicente que integram o arquipélago de Cabo Verde composto por dez ilhas, sendo nove habitadas.

O ponto de ancoragem do projeto se concentrou na moradia de estudantes, docentes e pesquisadores, da Universidade de Jean Piaget, na cidade da Praia, a capital do país que se localiza na ilha de Santiago.

¹ Professora Doutora da Faculdade de Educação da UNICAMP, credenciada no Programa de Pós-Graduação em Educação. Lotada no Departamento de Ciências Sociais na Educação – DECISE.

Apontamos abaixo o quadro de docentes/discentes/pesquisadores que participaram do Acordo nos anos de 2013 a 2015.

**Quadro 1 – Mobilidade de Docentes, Discentes e Pesquisadores
Idas e vindas entre Brasil e Cabo Verde (2013 a 2015)**

Projeto/Acordo	Sentido	Brasil - Cabo Verde	Sentido	Cabo Verde-Brasil
2013 a 2015	Docentes e Pesquisadores	Discentes e Pesquisadores	Docentes e Pesquisadores	Discentes e Pesquisadores
1º Ano	Nima Imaculada Spigolon-Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Educação (PPGE) Unicamp-Brasil Dra. Claudia Wanderley Pesquisadora do Centro de Lógica e Epistemologia (CLE) Unicamp-Brasil	Lucas Manca Dal’Ava Estudante de Graduação em Linguística (IEL) Unicamp-Brasil Stephânia C. Freitas Estudante de Graduação em Linguística (IEL) Unicamp-Brasil	Saidu Bangura Docente da Unidade de Ciências Humanas, Sociais e Artes (UCHSA) – Ciências da Comunicação- UniPiaget-Cabo Verde Ms. Evandro Neves Fonseca Docente UCHSA – Ciências da Comunicação- UniPiaget-Cabo Verde	
2º Ano	Dra. Débora Mazza Docente da Faculdade de Educação (FE) Unicamp-Brasil	Danyelen Pereira Lima Estudante de Graduação em Pedagogia FE/Unicamp-Brasil Beatriz R. Torres Estudante de Graduação em Pedagogia FE/Unicamp-Brasil	Dra. Gertrudes de Oliveira Docente da UCHSA – Ciências da Educação e Praxis Educativa- UniPiaget-Cabo Verde	Oryana Jennifer Ramos Correia e Silva Graduada em Engenharia de Sistemas e Informática – UniPiaget-Cabo Verde

Fonte: Elaboração das pesquisadoras, 2016.

Autores apontam que o incremento da mobilidade humana, por motivos de ordem variada, tem alargado as possibilidades de cooperação econômica, financeira, tecnológica e cultural. Os Estados nacionais e as instituições, dentre elas as educativas, têm sido impactadas por essas dinâmicas. (BAENINGER, 2011; DOMENAH, 2011)

O *site* oficial do Ministério das Relações Exteriores (MRE) do governo brasileiro revela que o Brasil possui acordos de mobilidade com cerca de 50 países em desenvolvimento para envio e recepção de estudantes de graduação e de pós-graduação em faculdades públicas e privadas em todo o território nacional. Trata-se do Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G), criado em 1920 e administrado desde 1964 pelo MRE e pelo Ministério da Educação (MEC). Em 1983, foi instituído o Programa de Estudantes-Convênio de Pós-Graduação (PEC-PG) em parceria com a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES/MEC) e com o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq/Ministério da Ciência e Tecnologia).

Além desses acordos, a CAPES perseguindo metas de construção da excelência na pós-graduação tem desenvolvido atividades de cooperação internacional. Desde 2001 tem incrementado parcerias universitárias bilaterais fomentando e financiando projetos de pesquisa entre grupos brasileiros e estrangeiros. Dentre essas iniciativas encontra-se o Acordo CAPES/AULP.

Durante o governo da Presidente Dilma Rousseff (2011 a 2016), tivemos o Programa Ciências sem Fronteiras que

[...] buscou promover a consolidação, expansão e internacionalização da ciência e tecnologia, da inovação e da competitividade brasileira por meio do intercâmbio e da mobilidade internacional. A iniciativa foi fruto de esforço conjunto dos Ministérios da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) e do Ministério da Educação (MEC), por meio de suas respectivas instituições de fomento – CNPq e Capes –, e Secretarias de Ensino Superior e de Ensino Tecnológico do MEC (<http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/o-programa>).

Com programas como estes, o Brasil tem participado da formação de recursos humanos qualificados, proporcionando o conhecimento da realidade brasileira, o intercâmbio cultural e a ampliação e o aprofundamento de relações educativas transnacionais (MAZZA, 2011).

Cabo Verde a partir do olhar brasileiro

Cabo Verde foi descoberto pela Coroa Portuguesa em 1460, sendo Cidade Velha a primeira cidade portuguesa fora do continente Europeu e, hoje considerada patrimônio da humanidade pela ONU e próxima a cidade de Praia, capital da Ilha de Santiago. Pela historiografia oficial Cabo Verde não tinha povo nativo, os primeiros

habitantes dessas ilhas foram os portugueses e os escravos, de diversas etnias africanas, que ali chegaram².

Durante a época colonial Cabo Verde foi utilizado como entreposto comercial do tráfico de escravos africano e de mercadorias vindas das Índias. O arquipélago serviu de ligação entre os continentes Europeu, Africano, Asiático e Australiano. Outra utilização das ilhas foi como prisão e exílio de portugueses considerados não dignos, como prostitutas, condenados, doentes entre outros. Com essa configuração o país se constituiu por meio de um processo de mestiçagem da cultura e da população, isso se verifica em muitas manifestações, tais como: a língua, as práticas culinárias, a religiosidade, a raça/cor, os gêneros musicais etc. A língua oficial do País é o Português, língua do colonizador que é utilizada nas escolas, administração pública, imprensa e publicações. Há também o Crioulo cabo-verdiano que nasceu da mistura do português com outras línguas africanas e que é a língua materna da maioria da população e utilizada majoritariamente entre os nativos nas mais variadas situações familiares, sociais e comerciais, na esfera pública e privada.

Cabo Verde conseguiu a sua independência em 1975, juntamente com a Guiné-Bissau, em 1991 se separou e se tornou um país independente, passando a ter um governo próprio. As diferenças sociais, políticas, econômicas, geográficas e culturais e formação étnica eram de tais formas significativas que, aliadas aos ressentimentos seculares dos guineenses em relação aos cabo-verdianos e vice-versa, inviabilizaram a continuidade de projetos de uma nação unificada (SPIGOLON, 2014).

O arquipélago de Cabo Verde é composto pelas ilhas de: Santiago, Santo Antão, São Vicente, São Nicolau, Boa Vista, Maio, Fogo, Brava, Sal e Santa Luzia. Segundo o Censo de 2010, possui uma população estimada em meio milhão de habitantes, sendo 40% dela composto por nacionais de 0 a 14 anos e 6% acima de 65 anos. É considerado um país de diáspora, pois possui cerca de meio milhão de Cabo-verdianos fora do arquipélago. Tem uma situação econômica particular, pois as ilhas possuem clima, composição da população, agricultura, recursos naturais e indústrias, com características muito diferentes entre elas. Segundo Censo de 2010, apesar da economia estar em fase de crescimento impulsionada pelo setor secundário da construção civil, 73% do produto interno bruto (PIB) do país tem como elemento chave o turismo que oferece os empregos sazonais, os contratos precários e os salários mal pagos (UNICEF, 2010, p. 12).

Organizando a caixa de ferramentas de pesquisa

A pesquisa em Cabo Verde teve como foco a observação de ambientes de educação escolar e não escolar dando atenção a questão do bilinguismo que marca a cultura e que se expressa na adoção concomitante do Português, como língua oficial e herança do colonizador, e da língua materna cabo verdiana, uma versão do Crioulo africano com o Português.

² Para aprofundar a temática sugerimos: ÉVORA (2004); LOPES (2012); LOPES FILHO (2007, 2013); FURTADO (1997); TOLENTINO (2005); SPIGOLON (2014), dentre outros.

Priorizou-se a educação infantil e a cultura de crianças pequenas atentando tanto para os processos de educação quanto de escolarização.

Ainda no Brasil, a equipe realizou pesquisas bibliográficas, levantou dados estatísticos, promoveu encontros regulares de estudos, elaboração de projetos e discussões tendo em vista o conhecimento da história social, política, econômica e cultural de Cabo Verde. Tivemos também a vinda de dois docentes pesquisadores da Universidade de Jean Piaget que, nos quadros de mobilidade acadêmica, permaneceram na Unicamp cerca de dois meses e participaram de disciplinas, grupo de pesquisa, seminários, simpósios. Este preparo foi muito importante para o estabelecimento de redes relacionais de respeito e aproximação.

A professora Nima I Spigolon³ foi a primeira do nosso grupo a ir para Cabo Verde em 2013, à época na condição de estudante do programa de pós-graduação em Educação da FE/Unicamp, nível de doutorado, sob a orientação da professora Débora Mazza, momento em que o Acordo CAPES AULP encontrava-se em processo de aprovação.

Essa primeira travessia foi responsável pelo início da pesquisa de campo em Cabo Verde, alinhada com as perspectivas coletivas do projeto. Embora, sem contar com o financiamento do Acordo CAPES/AULP, destaca-se que essa ida possibilitou iniciar contatos, estabelecer diálogos, reunir informações, mapear instituições e iniciar a construção de um guia/roteiro destinado a subsidiar orientações e facilitar as idas subsequentes da equipe brasileira.

Depois em abril de 2015 foram a Professora Débora Mazza e as estudantes de graduação de Pedagogia Danyelen Lima e Beatriz Torres.

Por entre documentos e monumentos

A busca por fontes documentais e não documentais é sempre orientada pelo problema de pesquisa que induz o trabalho do pesquisador nos exercícios de aproximação e distanciamento do real e na construção de fontes e dados de natureza variada.

Marc Bloc (2002) dirá que são os dilemas do tempo presente que indagam o passado e que, portanto, o objeto de estudo da história não é o passado, mas o homem, mais precisamente, os homens no tempo.

Le Goff aponta que

A memória coletiva e a sua forma científica- a história- aplicam-se a dois tipos de materiais: os documentos e os monumentos.

³ Professora Doutora da Faculdade de Educação da UNICAMP, credenciada no Programa de Pós-Graduação em Educação. Lotada no Departamento de Políticas, Administração e Sistemas Educacionais – DEPASE.

De fato, o que sobrevive não é o conjunto daquilo que existiu no passado, mas uma escolha efetuada quer pelas forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo e da humanidade, quer pelos que se dedicam à ciência do passado e do tempo que passa, ou seja, os historiadores [...] Estes materiais da memória podem apresentar-se sob duas formas principais: os monumentos, herança residual do passado, e os documentos, escolha do historiador. (LE GOFF, 1995, p. 535)

Sensibilizada por estes referenciais teóricos e metodológicos, a equipe de pesquisa do Brasil permaneceu no total cerca de seis meses circulando diariamente pelos ambientes de educação escolar e não escolar, pela esfera pública e privada, na cidade da Praia e na Cidade Velha; construindo e recolhendo documentos e monumentos. Realizamos visitas a escolas e universidades públicas e privadas, observamos aulas, participamos de apresentações culturais. Visitamos a Cidade Velha, acompanhamos as atividades culturais populares o bairro periférico do Pensamento, participamos de festas religiosas e populares no bairro considerado “pobre e violento” do Tira Chapéu, acompanhamos a associação de mulheres batukadeiras nas apresentações em praças públicas, entrevistamos animadores culturais do Epiricentro, participamos de um show de Funaná etc.

Concomitante a inserção nas dinâmicas sociais, institucionais e culturais, realizamos pesquisa em fontes documentais tendo em vista compreender a política educativa do país e a organização do sistema educacional.

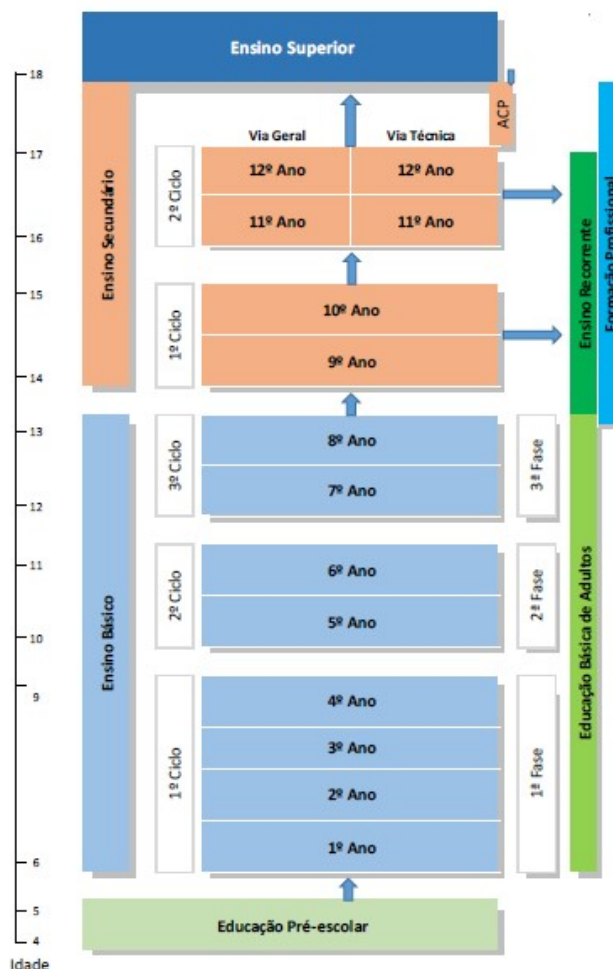
A educação escolar em Cabo Verde segundo as fontes documentais

O Sistema de ensino em Cabo Verde segue o modelo Português, respeitando sua estrutura e seu o calendário. O ano letivo inicia-se em setembro e termina em maio. Apenas o ensino básico é considerado obrigatório oferecido pelo Estado inicia-se no primeiro ano, aos seis anos de idade e termina no oitavo ano, aos treze anos. Depois do ensino básico, a partir do oitavo ano temos o Liceu ou Secundário. No nono ano e no décimo primeiro ano há uma divisão do ensino entre as áreas, técnicas ou geral.

O ensino secundário está estruturado, em três ciclos de dois anos cada: o 1.º ciclo ou Tronco Comum (7.º e 8.º anos), o 2.º ciclo, com uma via geral e uma via técnica (9.º e 10.º anos) e o 3.º ciclo (11.º e 12.º anos), igualmente, com duas vias – a geral e a técnica. Funciona em regime de pluridocência e é ministrado em escolas secundárias, escolas secundárias polivalentes e escolas técnicas (MORAIS, 2013, p. 32).

Há três colégios particulares na Cidade de Praia considerados “inovadores”, entretanto, a maioria das escolas de Cabo Verde são públicas. Há também escolas mistas, onde a gestão é privada mas o ensino é público, como é o caso do Colégio Miras Flores, que acompanhamos como um dos campos de observação de educação escolar, e que possui a gestão ligada a uma congregação de irmãs católicas mas os professores e o currículo ministrado são responsabilidade do Estado.

Figura 1 - Organograma da Educação de Cabo Verde. In: Cabo Verde. Dezembro, 2014, p. 13.



Serviço de Estudos, Planeamento e Cooperação - Página 13 de 96

Fonte: Acervo das pesquisadoras.

Segundo o Anuário de Educação de 2014/2015, Cabo Verde define a Educação Infantil como:

Educação Pré-Escolar - primeira etapa da educação básica no processo de educação, devendo favorecer a formação e o desenvolvimento equilibrado da criança. Segundo a Lei de Bases do Sistema Educativo Cabo-verdiano, Educação Pré-Escolar é de frequência facultativa e destina-se às crianças com idade compreendida entre os 4 e 5 anos idade. A partir dos 6 anos as crianças ingressam no ensino básico em estabelecimentos de educação públicos ou privados (p. 17).

Segundo o Ministério da Educação de Cabo Verde, a Lei de Bases é a principal lei que regulamenta a organização e o funcionamento do sistema educativo. Ela prescreve que

O sistema educativo compreende os subsistemas da educação pré-escolar, da educação escolar, da educação extra-escolar, complementados com actividades de animação cultural e desporto escolar, numa perspectiva de integração. 2. A educação pré-escolar visa uma formação complementar ou supletiva das responsabilidades educativas da família. 3. A educação escolar abrange os subsistemas do ensino básico, secundário e superior e modalidades especiais de ensino, e inclui ainda as actividades de ocupação de tempos livres. 4. A educação extra-escolar engloba as actividades de alfabetização, de pós-alfabetização e a educação de adultos, articulando-se com a educação escolar. 5. O sistema educativo integra a componente formação técnico-profissional e o sistema geral de aprendizagem (Cabo Verde. Lei de Base do Sistema Educativo, Art. 12^o, 2010).

A educação infantil dentro do sistema de ensino denomina-se pré-escola e segundo a Lei de Bases do Sistema educativo é considerada um sub-sistema. Um dos principais objetivos da pré-escola é o ensino do Português, pois a língua materna falada pela maioria da população é o Crioulo cabo-verdiano. As crianças entram em contato com o Português quando entram no Ensino Básico aos seis anos.

A Lei de Bases prescreve ainda que o objetivo da educação pré-escolar é complementar a educação familiar. O artigo 17^o aprofunda:

São objectivos essenciais da educação pré-escolar: a) Apoiar o desenvolvimento equilibrado das potencialidades da criança; b) Possibilitar à criança a observação e a compreensão do meio que a cerca; c) Contribuir para a estabilidade e segurança afectiva da criança; d) Facilitar o processo de socialização da criança; e) Promover a aprendizagem das línguas oficiais e, de pelo menos, a uma língua estrangeira; f) Favorecer a revelação de características específicas da criança e garantir uma eficiente orientação das suas capacidades (Cabo Verde. Lei de Base do Sistema Educativo, Art. 17^o, 2010).

A importância da educação infantil se vincula aos cuidados destinados a criança e as necessidades de organização do trabalho, das famílias e das mulheres.

Segundo Censo 2010, 37,6% das famílias em Cabo Verde são monoparentais, sendo que 67,5% destas famílias tem na mulher a principal responsável pelas condições sociais e econômicas do agregado (UNICEF, 2010, p. 13).

Tivemos a oportunidade de conversar com diversas mulheres e de conhecer as suas histórias, que embora distintas entre si, todas destacam a presença e a responsabilidade da mulher dentro da família. A paternidade em Cabo Verde é um assunto delicado pois muitas mulheres são mães solteiras, criam seus filhos sozinhas e auxiliam nos cuidados e na educação dos netos. Esses fatores conjugados aprofundam a vulnerabilidade da infância.

Segundo o Censo de 2010, apenas 5,1% das crianças de 0 a 2 anos estavam em algum tipo de instituição formal de assistência ou educação. Cerca de 67% das crianças de 3 a 5 anos estavam na pré-escola, 90% da população entre 6 e 17 anos frequentava a escola, entretanto, depois dos 12 anos- com o término da escolarização

obrigatória- a taxa começa a declinar culminando com 59,3% entre os jovens de 17 anos que frequentam a escola. Se consideramos a relação entre escolarização e idade certa, 53,2% das crianças de 6 a 17 anos estão na série inadequada a sua idade. Esses dados por si só seriam preocupantes, no entanto, eles são alarmantes quando 42% da população do país tem menos de 15 anos (UNICEF, 2010).

Outro fator é a violência doméstica baseada no gênero (VBG). Em 2005, cerca de 16% das mulheres foram afrontadas com atos de violência física, 14% sofreram de violência emocional, 4% foram submetidas a violência sexual. (UNICEF, 2011, p. 17)

A conjugação de condições econômicas, socioambientais e culturais desfavoráveis empurram as mulheres, as crianças e os jovens para situações combinadas de vulnerabilidade, pobreza e exclusão; o que repercute nas taxas de mortalidade das crianças menores de 5 anos na ordem de 23,7%, pobreza das famílias das mulheres, repetência e abandono escolar e marginalidade juvenil em Cabo Verde. (UNICEF, 2011).

O lugar social ocupado pela mulher mãe, associado a pequena presença do Estado na implementação de políticas sociais de educação, saúde, moradia, trabalho, serviço social, lazer e previdência, exige equações coletivas de sobrevivência que passam por reconfigurações dos relacionamentos ampliando o conceito de família nuclear para família extensiva, mudanças na estrutura familiar com uniões consensuais e não formais e presença de muitas Organizações Não Governamentais (ONGs) nacionais e internacionais atuando na educação popular no sentido de

[...] tecer redes de relações, criar espaços de poder, [...] permitir às populações acederem a recursos necessários à satisfação das suas necessidades e aspirações, com base nos princípios de participação e co-responsabilização [...] preparar o sujeito enquanto AGENTE de mudanças de suas condições de vida e da comunidade onde se insere. (PLATAFORMA DAS ONGS DE CABO VERDE, 2006, p. 44)

O problema das ONGs é que ao medirem a responsabilidade do Estado na construção de condições razoáveis de existência para todos, elas incorrem no risco de perpetuarem contextos de vulnerabilidade e exclusão social e adiarem processos políticos de ampliação de direitos assegurados pelas leis nacionais.

Um exemplo desse perigo é o caso da educação pré-escolar que se destina às crianças dos 3 aos 5 anos, a frequência é facultativa e desenvolve-se mediante iniciativas promovidas por instituições privadas, comunitárias, religiosas ou públicas de proteção à infância, sem que seja considerada dever do Estado e direito da criança e da família. Cabe ao Ministério da Educação apenas a coordenação pedagógica e o estabelecimento das normas gerais do seu funcionamento, mas não a sua manutenção e o seu financiamento (CABO VERDE. Principais indicadores da Educação 2013/2014, p. 14)

A educação pré-escolar está vinculada a um caráter de proteção à criança, porém não faz parte do ensino básico, e é constituída por jardins de infância da iniciativa das Câmaras Municipais (55% dos jardins), sendo que a OMCV (Organização das Mulheres de Cabo Verde) detém cerca de 16% dos jardins, as Organizações Religiosas 11%, os privados cerca de 7,5% e as Organizações Não Governamentais, como o Instituto Cabo-verdiano da Solidariedade e a Cruz Vermelho, 10,5%.” (2013, p. 28-29).

As fontes documentais nos ajudam a compreender a presença expressiva de mulheres e crianças espalhadas pela economia informal das ruas, do mercado e do comércio, trabalhando sem nenhum vínculo de contrato de trabalho, desprovidas de benefícios como remuneração fixa, férias, licença maternidade, seguro desemprego, aposentadoria etc. Essa percepção do real aguçou nosso olhar, ouvir e escrever junto aos coletivos nacionais.

A educação não escolar em Cabo Verde segundo as fontes não documentais

A mobilidade de estudantes, docentes e pesquisadores no eixo Brasil-Cabo Verde nos permitiu conhecer e visitar comunidades, famílias, instituições; participar de atividades regulares de educação escolar, entrevistar professores, diretores e pais de alunos, acompanhar manifestações culturais populares tais como: festas religiosas, datas comemorativas nacionais, participar de apresentações musicais populares, conhecer gêneros musicais e associações de artistas populares, atravessar de norte a sul a Ilha de Santiago e conhecer mais duas ilhas que compõem o arquipélago de Cabo Verde. Anotamos, fotografamos, gravamos, experimentamos comidas típicas, bebidas artesanais, nos embalamos nos ritmos musicais e nas danças tradicionais, observamos expressões de sentimentos sagrados e profanos.

Na Cidade Velha, nos bairros do Pensamento e do Tira Chapéu visitamos casas, barracos, bares, praças, igrejas, ruínas e verificamos a regularidade das unidades domiciliares compostas por famílias extensivas que acolhem avôs, tios, filhos de muitas relações, ciclos geracionais diferentes. Os vizinhos também são considerados como parte das relações vicinais de confiabilidade.

A participação nas atividades das comunidades quase sempre foi precedida de um convite e contou com a presença de nativos nos apresentando o ambiente, narrando a história dos lugares, mediando a comunicação e facilitando a nossa compreensão.

Visitas várias ao Mercado Platô que abastece a Cidade da Praia com frutas, legumes, peixes, carnes etc. Ele se localiza na Rua do Platô, no centro plano e alto da cidade. O Platô é um bairro de classe média que aloja restaurantes, casas de show, o melhor liceu da cidade, a universidade pública, os bancos, as lojas de câmbio para os turistas. É um bairro comercial durante o dia e frequentado pelos intelectuais, políticos, turistas e pela classe média moradora depois do horário comercial. O Mercado do Platô- embora parte desta ambiência- é dinamizado quase que

exclusivamente por mulheres de várias idades que juntamente com suas crianças, abastecem as pequenas barracas improvisadas que expõem e vendem os produtos. É um ponto comercial e turístico do bairro e quase não se vê homens trabalhando, o cenário é majoritariamente de mulheres pobres, novas e velhas.

O Mercado do Sucupira, outro ponto comercial e turístico, situa-se na parte baixa e alagada da cidade da Praia. Fica próximo na mesma avenida do palácio do governador e da Biblioteca Nacional Amílcar Cabral. Tem uma arquitetura, dinâmica e clientela muito diferente do mercado Platô. Lá são vendidos diversos produtos industriais como: roupas, souvenir, artesanatos, entre outros. Fica num espaço fechado com corredores minúsculos, com vendedores informais que expõem suas mercadorias e lá encontramos vendedores encontramos homens, mulheres, jovens, idosos e novamente muitas crianças pequenas que acompanham seus familiares e permanecem no espaço de trabalho. O nome Sucupira advém da influência que a novena brasileira “O Bem-Amado”, escrita por Dias Gomes, produzida e exibida pela Rede Globo no Brasil em 1973, exerceu forte influência na sociedade de Cabo Verde a ponto de definir o nome do maior mercado de produtos industrializados. Na novela, o personagem principal Odorico Paraguaçu era prefeito da cidade de Sucupira. Ainda hoje o país importa e exhibe diariamente as telenovelas da Rede Globo e a população em geral mobilizada pela ideologia por elas veiculada.

O bairro do Pensamento é uma região da periferia da Cidade de Praia, é considerado perigoso, visitamos uma associação de moradores, fizemos algumas atividades teatrais junto dessa comunidade acompanhados por moradores e famílias.

A Cidade Velha, cujo como nome oficial é Ribeira Grande, foi o ponto de chegada dos Portugueses em Cabo Verde, tem construções do século XV e ruínas que contam a história da das Grandes navegações europeias, do comércio de escravos e da união do Reino de Espanha com o de Portugal. Os moradores, em sua maioria vivem de plantação e criação de animais e artesanato de subsistência e do turismo.

Ao andar pelas ruas facilmente se vê animais, alguns soltos outros presos, como porcos e galinhas. Há grande circulação de pessoas nas ruas, outra fonte de renda é o turismo, no Pelourinho, na praça central da cidade ficam expostos comerciantes. Todos dizem que a especulação do turismo está crescendo, surgindo mais hotéis e restaurante na cidade.

Na Cidade Velha tem-se uma escola de ensino básico e recentemente fundou-se um Liceu. A escola básica tem uma peculiaridade, na parte da manhã ela tem o primeiro ano, o segundo e o terceiro ano, e a tarde em o quarto, o quinto e o sexto ano. É uma escola que a sua estrutura está descentralizada, o prédio da gestão está numa antiga casa, perto da praia, e perto de uma sala (satélite), que de manhã é o primeiro ano e a tarde o quarto ano. Tem mais duas salas que ficam mais no interior da cidade que manhã é o terceiro e o segundo ano e a tarde é o quinto e o sexto. As

escolas não têm portões e nem muros, são as professoras que limpam e abrem as salas, a merenda é preparada por duas cozinheiras.

As manifestações culturais das crianças ganharam destaque na Cidade Velha, cidade rural próxima de Praia – a capital de Cabo Verde, porque as crianças ocupavam e brincavam livremente nas ruas, convivendo com diferentes faixas de idades, e sendo cuidadas por coletivos estendidos que contavam com familiares, vizinhos, conhecidos, todos implicados na educação, socialização e no cuidado das crianças. Quanto a língua, um componente estruturante da cultura, fala-se o crioulo caboverdiano nas relações familiares, de vizinhança e no comércio entre os nativos. As crianças operam majoritariamente com essa língua até os seis anos de idade quando entram na escola. O Português é a língua falada e ensinada na escola desde o processo de alfabetização o que acarreta inúmeras dificuldades no processo de ensino e aprendizagem e nos resultados alcançados pela escolarização.

A observação sobre a educação escolar das crianças pequenas aconteceu em uma creche particular, onde tivemos a oportunidade de acessar fontes documentais, compreender as leis nacionais e, entrevistar professoras.

Os relatos das vidas das pessoas que participaram dessa experiência e dos processos de pesquisa ancoraram-se na história oral. Queiroz (1988) diz que o relato oral constitui a maior fonte humana de conservação e difusão de saber, o que equivale a maior fonte de dados para as ciências em geral. A pesquisa baseada em relatos e história de vida tem processo interessante, o que é falado se relaciona ao passado, ligando o presente a esse tempo, o ouvinte assimila, reinterpreta e passa a adiante, num processo de criação.

Operamos com fontes não documentais quando olhamos para os ambientes não-formais, não oficiais, utilizamos os relatos, as conversas das mulheres no Platô, do moradores da Cidade Velha e do bairro Pensamento, fizemos anotações e registros. Todo material ao ser trabalhado e documentado se transforma em outro tipo de fonte, uma fonte documental. Consideramos a cidade, o bairro, o ambiente como fonte de pesquisa, pois esses espaços tem influências sobre os indivíduos, contam uma história e modificam o social e o cultural:

Resultados e discussões – Educação Infantil - Aspectos Não formais

Destacadamente no campo da Educação Infantil visitamos uma classe de pré-escola, entrevistamos uma professora e fizemos pesquisa em documentos oficiais. Apoiamos no Mestrado “Culturas infantis: crianças brincando na rua e em uma pré-escola na cidade da Paria (Cabo Verde)” de Dijanira dos Santos, ex-aluna da Faculdade de Educação, Unicamp, Cabo Verdiana e atualmente trabalha com a Educação infantil na Cidade de Praia. Explicamos resumidamente como funciona o sistema de ensino em Cabo Verde, comentando o aspecto formal da educação pré-escolar, através de trabalhos e documentos oficiais, por último o relato do aspecto informal, baseado nas nossas observações.

Nessa parte utilizaram-se as anotações das observações realizadas para apoiar no referencial teórico focalizando ambientes informais quando não delimitamos a faixa etária, tratando por crianças.

Ao visitar a Cidade Velha pela primeira vez fomos guiadas por um menino de nove anos, onde nos apresentou a cidade, a sua família, conhecemos um aluno da Jean Piaget que mora nessa cidade, a sua família e mais da cidade. Nessas visitas encontramos crianças brincando na rua, se oferecendo como guias, percebemos que havia uma movimentação grande de crianças nas ruas, nos deu a impressão de serem “livres”.

Quando em visita a um monumento - ruínas de uma igreja, que fica no centro da Cidade Velha, fomos abordadas por um grupo de crianças que ali brincavam, esse espaço era como se fosse propriedades delas. Elas falavam em Crioulo conosco, o menino que nos acompanhava como guia nos explicou que as crianças menores por não irem a escola ainda não falavam Português, elas pediam dinheiro para os turistas e como eram pequenas os pais não deixavam serem guias. Esse grupo tinha meninos e meninas, eram de diferentes famílias, mas percebemos que estavam numa casa próxima dali.

Pelas ruas da Cidade Velha víamos mulheres sentadas nas portas e janelas das casas penteando as meninas, fazendo “trancinhas”, cuidando/educando as crianças, olhando para ver onde iam, também percebemos a presença de animais como cabras, galinhas, cachorros, e outros nos quintais das casas. Conversando com esse menino e com o aluno da Jean Piaget eles nos contaram que nessa cidade geralmente há uma relação de família entre os vizinhos, eles contaram que a infância deles foi a meio dos monumentos da cidade, onde aprenderam a história de Cabo Verde.

Presenciou-se a apresentação de Batuque que é tocada e dançada só por mulheres, os homens só entram na roda se forem convidados. Tinham muitos moradores e várias crianças em volta da roda, dançando e brincando interagindo conosco. Ouviu-se uma contação de história numa das escolas satélites da Cidade Velha, o contador era um senhor já de idade, a história foi contada em crioulo, reuniu a comunidade em volta da escola para assistir essa apresentação. Tinha crianças, adultos, idosos, foi um acontecimento de grande importância.

Nota-se que a cultura e a história de Cabo Verde é ensinada às crianças na Cidade Velha de uma forma natural e não escolar. As relações pessoais são muito valorizadas, a família tem uma importância grande nesse sentido, o papel da mãe é muito presente.

Essa dinâmica também foi observada na Cidade de Praia no bairro do Pensamento, periferia da Cidade de Praia, no Mercado Platô, e no Mercado Sucupira. Nos mercados vimos as crianças sendo criadas no trabalho das mães, estando nesse ambiente desde pequenas ou bebês. Essas crianças tem as barracas, as ruas do mercado e as ruas em volta como o seu espaço de educação. Conversando com

mulheres no mercado Platô conhecemos as suas histórias, muitas que estão ali criaram as filhas nesse espaço, e hoje estão criando os netos.

Santos (2010) diz que a criança em caboverdiana se difere das demais crianças de e outros países pela sua cultura. Ela coloca que a criança ocupa um lugar específico na sociedade caboverdiana, desde a gravidez, o nascimento estão inseridos em crenças, rituais e hábitos misturando tanto a cultura africana quanto a europeia. Diz que a construção de brinquedos, e a utilização de outros materiais para a diversão era muito comum na cultura caboverdiana, assim como o espaço do quintal e da rua:

As rotinas lúdicas aconteciam num espaço privilegiado: o quintal dos avós; lugar potencializado pela imaginação onde se agregavam outros espaços, como a estreita escada e o terraço, igualmente aproveitados para o cenário da brincadeira. A relação entre esses espaços e a rua é estreita, não só pelo fato do portão do quintal ficar sempre aberto, numa transposição para a rua da intimidade doméstica (MARIANO, 1991), mas porque propiciava um ir e vir à procura dos pedacinhos de telhas, papéis de drops ou tampinhas de garrafas, assim de "[...] a criança caboverdiana marca sua diferença por pertencer uma cultura com identidade própria, com todas as características que firmam Cabo Verde como nação e a demarca das demais" (SANTOS, 2010, p. 59).

Brincadeiras acima descritas estavam ligadas a educação ligadas as tarefas de casas e a relação entre outros membros da família, assim como nas tarefas do cotidiano. Sobre as crianças menores Santos (2010) coloca que elas são iniciadas a vida social através das brincadeiras, aprendendo de uma forma mais livre a importância de se realçar que em Cabo Verde “desde que comece a dar os primeiros passos, ou mesmo antes, no colo de alguém (mãe, avó, irmão/ã, tia, primo, prima, vizinho, vizinha), elas começam a participar das brincadeiras e da interação com a comunidade” (SANTOS, 2010, p. 135).

Considerações finais

O acordo realizado entre a Unicamp e a UNIPEAGET trouxe contribuições para os participantes, a experiência de conhecer uma sociedade, uma cultura, um país diferente é única. Cabo Verde se faz interessante por ter vários pontos em comum com o Brasil, porém uma história diferentes. Isso nos proporcionou novo olhar sobre a nossa própria sociedade.

Em relação a Educação infantil, notamos que há uma regulamentação, algumas políticas públicas, é tratada como pré-escolar, e o principal objetivo é preparar para a escola e ensinar o Português. A cultura caboverdiana está mais presente em espaços não formais, em espaços formais predomina a influência portuguesa e as marcas dos processos de colonização. Os espaços não escolares são ricos em cultura e em educação e tem grandes influências na educação das crianças.

Ao ampliarmos mais os espectros das observações e conclusões é possível reconhecer que uma racionalidade estético-expressiva das artes e da literatura, uma racionalidade-instrumental cognitiva da ciência e da tecnologia e, por fim, uma a

racionalidade moral-prática da ética e do direito. (SANTOS, 2007), elementos que, ora nos aproximam e, ora nos distanciam nos dois lados do Atlântico, que quando realizadas travessias podem estabelecer interlocuções, reconhecer e produzir outros conhecimentos.

Experiências que trazem reflexões e questionamentos acerca da educação infantil, formal e não formal, da posição da mulher tanto na família como na sociedade, sobre a relação da cultura com a educação. Delas emergem, por exemplo: quais culturas estão mais presentes e em quais espaços? E porque? A cultura do colonizador e do colonizado ainda permanecem? De que maneiras? São indagações que devem ser discutidas, refletivas e problematizadas, pensadas tanto do lado caboverdiano quanto do brasileiro.

Tais mobilidades potencializaram experiências, tanto nas dimensões pessoais, acadêmicas e profissionais. A primeira, de formação, a segunda, geográfica. Há nelas o desejo e o desafio de encontrar epistemologias, nas quais a vida humana, as sensibilidades e o saber da experiência (LARROSA, 2002) possam dialogar qualificadamente com o fazer científico.

O conjunto de fontes documentais e não documentais reunidas, até o momento e para esse artigo, evidenciam o papel da revolução nas experiências vividas em África marcando o processo de formação de docentes/discentes/pesquisadores e de redefinição político-pedagógica e epistemológica de quem lá esteve nos quadros do referido Acordo.

Referências

ANASTÁCIO, T. P. & MAZZA, D. Fluxo de estudantes dos cursos de graduação em mobilidade acadêmica: o caso Unicamp. In PEREIRA, Elisabete M. De A & HEINZLE, Marcia R. S. (orgs.) *Internacionalização na Educação Superior*. Políticas, Integração e Mobilidade Acadêmica. Blumenau: Edifub, 2015, p. 149-168.

BAENINGER, R. Migrações internas no Brasil século 21: evidências empíricas e desafios conceituais. In CUNHA, José M. P. da (Org.) *Mobilidade espacial da população*. desafios teóricos e metodológicos para o seu estudo. Campinas: NEPO, Unicamp, 2011, p. 71-94.

BRASIL. Governo Federal. *Programa Ciência sem Fronteira*. In <http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/o-programa>. Acesso em: 29/10/2016.

BRASIL. Projeto 0038: *Brasil e Cabo Verde, limites e possibilidades da pesquisa entre países, sob a perspectiva do Multilinguismo no Mundo Digital: web indígena, bibliotecas digitais e educação aberta*, 2013.

_____. *Relatório e Prestação de Contas referentes ao Projeto 0038*, do Acordo CAPES/AULP, 2016.

CABO VERDE. Ministério da Educação e Desporto. Direção Geral de Planeamento, Orçamento e Gestão. Serviço de Estudos, Planeamento e Cooperação. Anuário de Educação 2014/2015. Praia, Dezembro/2015.

_____. Principais Indicadores de Educação 2013/2014. Cidade de Praia. Dezembro/2014.

_____. Nova Lei de Bases do Sistema Educativo. Maio de 2010.

_____. Página Oficial do Governo de Cabo Verde. Disponível <http://www.governo.cv/>

DOMENAH, H. Mobilidad espacial de la poblacion: desafios teóricos y metodológicos. In CUNHA, Jose M. P. da (org.) *Mobilidade espacial da população*. Desafios teóricos e metodológicos para o seu estudo. Campinas: NEPO, Unicamp, 2011, p. 33-44.

ÉVORA, R. *Cabo Verde: abertura política e a transição para a democracia*. Cidade da Praia: Spleen Edições, 2004.

FURTADO, C. Democracia na África: possibilidades e limites. In: *Ciclos de debates: Direitos Humanos, Cidadania e Democracia*. Praia, Cabo Verde, p. 1-15, nov., 1997.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Revista Brasileira de Educação*: Rio de Janeiro, nº 19, p. 20-30, 2002.

LE GOFF, J. *História e memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

LOPES, C. Amílcar Cabral: uma inspiração para os dias de hoje. In: *Desafios contemporâneos da África: o legado de Amílcar Cabral*. LOPES, Carlos (Org.). São Paulo: Editora Unesp, 2012.

LOPES FILHO, J. Memória e Herança Cultura. In: *Revista de Estudos Caboverdianos*. Praia: Universidade de Cabo Verde (UNICV), p. 01-21, 2013.

_____. Construção da História de Cabo Verde. In: *Revista Islenha*. Funchal: Direção Regional dos Assuntos Culturais (DRAC), v. 15, p. 291-339, 2007.

MAZZA, D. Mobilidade humana e educação: os estudantes estrangeiros na Unicamp. *Cadernos CERU*, série 2, vol. 22, no. 1, 2011, p. 239-255.

_____ ; SPIGOLON, N. I. & OLIVEIRA, G de. *Travessias do Atlântico – Brasil e Cabo Verde em diálogo com o Projeto/Acordo CAPES-AULP*. Congresso de História de África, Ancestralidades e Africanidades, Universidade de Santiago, 2015, Cabo Verde. Disponível em: <<http://plataforma9.com/congresso/congresso-de-historia-de-africa-ancestralidades-e-africanidades/>>. Acesso em: 10/10/2016.

MORAIS, M. H. F. *A escola secundária privada – organização e funcionamento: estudo de caso*. UNIPIAGET, Praia, 2003.

PEREIRA, J. R. M. *Alfabetização de crianças caboverdianas em língua portuguesa como língua não materna*. O ensino da leitura. Dissertação de Mestrado. Departamento de Humanidades. Universidade Aberta, Lisboa: Portugal, 2009.

PLATAFORMA DAS ONGs EM CABO VERDE. *A educação popular*. O caso de Cabo Verde. Cidade da Praia, 2006. Disponível em: <https://issuu.com/plataformadasongspong/docs/educacao_popgrafica>. Acesso em: 26/10/2016)

QUEIROZ, M. I. P de. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. In: VON SIMSON, O. de M. (Org.). *Experimentos com histórias de vida*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1988.

SANTOS, B. de S. Para além do pensamento abissal. In *Novos Estudos*. SP: CEBRAP. No. 79, p. 71-94, novembro/2007.

SANTOS, D. N. L. dos. *Culturas infantis: crianças brincando na rua e em uma pré-escola na cidade da Praia (Cabo Verde)*. Mestrado: Faculdade de Educação. Unicamp, 2010.

SPIGOLON, N. I. *As noites da ditadura e os dias de utopia – o exílio, a educação e os percursos de Elza Freire nos anos de 1964 a 1979*. Doutorado: Faculdade de Educação. Unicamp, 2014.

TOLENTINO, C. A. Conhecimento, Identidade e Desenvolvimento na era da informação. In: *Cabral no cruzamento de épocas*, Fundação Amílcar Cabral (Org.). Cidade da Praia: Editora Alfa Comunicações, p. 209-232, 2005.

UNICEF. Análise de situação da criança e do adolescente em Cabo Verde. UNICEF/ICCA, 2011. Disponível em: <<https://www.un.cv/files/crianca2011.pdf>>. Acesso em: 28/10/2016.

Recebido em: 28/10/2016

Aprovado em: 18/12/2016